Correspondência XVIII – Vivência

FRANCISCO GREGÓRIO FILHO*

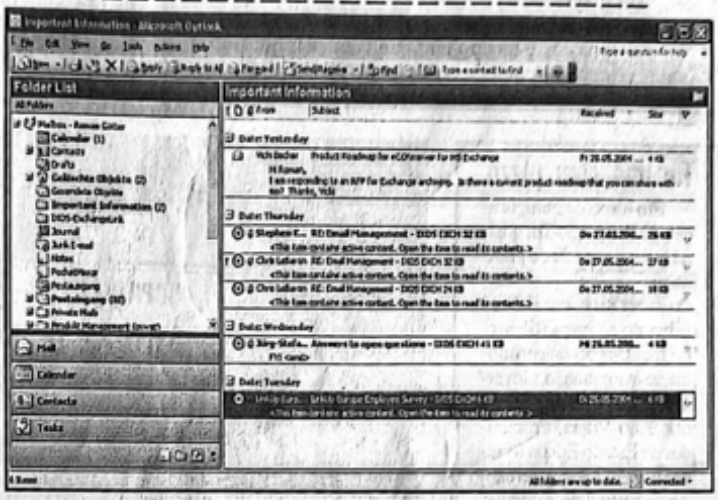
Gregório,

Sempre questionei muito com você essa coisa de contar histórias. Não é que dia desses vi uma sessão de histórias feita por um grupo interessante que trabalha com contos populares de diversas culturas. Depois de ouvi-los e vê-los, cá com os meus botões, fiquei pensando se não estive errada todo este tempo acerca desse ofício de contar histórias. Vi que o grupo estuda muito, que cada um dos contadores sabia da sua história, para além do texto, sabia a história por dentro. Cada história foi partilhada de verdade com o público solidariamente.

Histórias mais que contadas, pareciam histórias vividas. Saí da sessão plena de graça estética e referências de outras culturas. Acho que vai me ajudar a construir minha cidadania planetária. Será esse então o mistério e a magia de saber ouvir histórias? Explica pra mim?

Com afeto, Feliz 2006

Margarethe Lemos



Margarethe querida,

Gostei dessa revelação sua sobre o ofício de contar/ouvir histórias. Explicar para você o quê? O processo é esse mesmo, de descoberta. Pode ser aos poucos até esse acordar para a importância das narrativas na construção desse exercício de cidadania planetária. Uma educação para a cidadania planetária deveria nos levar à construção de uma cultura da sustentabilidade, isto é, uma biocultura, uma cultura da vida.

Só somos realmente educados quando conseguimos navegar de nossa cultura primeira para outras culturas, quando conseguimos viver outras culturas. Se a educação, como diz Kant, é uma segunda natureza, essa segunda natureza nos vem pela experiência e vivência de outras culturas. Todos os seres humanos estão interconectados pelas mesmas necessidades básicas... Todo ser humano tem necessidade de crer, amar, tem necessidade da espiritualidade, de viver em comunhão com a natureza, ter compaixão, conhecer. Essas necessidades básicas, inclusive as de aprendizagem, é que possibilitam a comunicação e a comunhão entre todos os homens e os tornam cidadãos do mesmo planeta. Muitas pessoas já viajaram pelo mundo todo e nunca chegaram a construir sua cidadania planetária.

A cidadania planetária vem de dentro do coração e da mente, da ligação profunda com a Mãe-Terra. É acima de tudo uma ligação fundamental e ancestral com ela. Por isso, podemos ser cidadãos do mundo sem nunca ter saído de nossa aldeia. A conquista da cidadania planetária é um processo que encontra dificuldades nos limites, nas fronteiras que estão, sobretudo, dentro de nós mesmos, nos nossos próprios medos, ansiedades, inseguranças. O pior de todos os medos é o medo de mudar. Para não mudar procuramos desvalorizar o que não pertence à nossa cultura originária, ao nosso grupo social, o que contraria nossos hábitos, nossos costumes, nosso modo de vida.

É mais cômodo permanecer adormecidos nos braços da nossa própria cultura. Nos dá mais segurança depender apenas do que já somos. Por isso, parece que as crianças e jovens das novas gerações estariam mais abertos para a cidadania planetária do que as gerações adultas.

Tudo isso e muito mais você pode ler no livro *Pedagogia da Terra* de Moacir Gadotti, editora Fundação Petrópolis, da série Brasil Cidadão.

Um abraço e feliz 2006

* Contador de História

vivência

[Do lat. *viventia*, acus. neutro pl. de *vivens, tis*, 'vivente'.]

Substantivo feminino

1.O fato de ter vida, de viver; existência.

2.Experiência da vida.

3.O que se viveu.

4.Bras. N. Situação, modos ou hábitos de vida. [Cf. *vivencia*, do v. *vivenciar*.]